



RELATO DE PESQUISA: O PAPEL DAS MULHERES CONGADEIRAS EM DOIS TERNOS DE CONGADA EM ITUTINGA-MG

Kênia C. T. da SILVA¹; João P. LOPES²

RESUMO

As Congadas são expressões culturais, enraizadas na história da população negra brasileira, que resistem mesmo no contexto pós-diaspórico africano. Trabalhos de resgate e valorização das manifestações culturais afro-brasileiras contestam a narrativa e o lugar de subalternidade conferido à população negra, sobretudo a mulher negra. Nesse sentido, este trabalho lança um olhar para as manifestações de Congadas da cidade de Itutinga a partir de um debate de gênero, problematizando (i) a participação e valorização feminina negra nos ternos, (ii) as memórias femininas subalternizadas e (iii) trazendo apontamentos sobre como essas mulheres se constituem, no espaço das congadas, enquanto guardiãs dos saberes e tradições congadeiras, mantendo vivas as expressões e a identidade coletiva. Esta produção contempla um projeto de pesquisa em andamento do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em História - IFSULDEMINAS, Campus Inconfidentes. Dessa forma, o presente trabalho sugere conclusões que mais fazem parte do campo das hipóteses possíveis, haja vista que a pesquisa seguirá em desenvolvimento ao longo do próximo ano.

Palavras-chave: Cultura Afro-brasileira; Gênero; Raça; Memória.

1. INTRODUÇÃO

As Congadas são ricas expressões culturais que registram tradições, religiosidade, resistência e identidade da cultura afro-brasileira. As celebrações de Congadas remontam o período de escravidão no Brasil Colonial, onde os negros escravizados construíram suas práticas de religiosidade e resistência através das associações onde se realizavam a coroação de reis e rainhas do Congo, além de apresentações de danças e louvores dedicados aos santos, como Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (COSTA, 2020; BRASILEIRO, 2020). A Congada, por sua vez, refere-se à prática cotidiana dos grupos, as manifestações culturais e sociais que podem acontecer no decorrer do ano, para além das datas específicas dos festejos. (BRASILEIRO, 2020, p. 48).

Tradicionalmente as Congadas são compostas por homens e mulheres que desempenham papéis distintos dentro da celebração. Enquanto os homens assumem títulos de liderança - capitães, presidentes - as mulheres ocupam posições menos prestigiosas - cozinheiras, porta-bandeiras. Ou seja, as mulheres congadeiras realizam atividades essenciais à sobrevivência do grupo e dos encontros, mas são muitas vezes relegadas aos bastidores e não são consideradas enquanto sujeitos que produzem e preservam os conhecimentos dos saberes congadeiros.

¹Graduanda do curso Licenciatura em História, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: ckenia914@gmail.com.

²Professor Orientador, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: joao.lobes@ifsuldeminas.edu.br.

Bem como as desigualdades socioeconômicas, muitas manifestações culturais como as congadas, podem refletir em suas manifestações as desigualdades de gênero. Pois assim como qualquer outra expressão construída socioculturalmente, as congadas são atravessadas pelas questões de gênero e de raça que permeiam a sociedade que também são intrinsecamente ligadas à cultura local da cidade em que se insere.

Nesse sentido, a pesquisa propõe investigar as práticas de organização e socialização nos ternos de congada *Vicente Ribeiro* e *Geraldo Delfino* na cidade de Itutinga, na região do Campo das Vertentes em Minas Gerais. Através de uma perspectiva de gênero, a qual compreende que as mulheres, sobretudo as negras, são duplamente injustiçadas e violentadas, em razão de seu (i) gênero e sua (ii) raça. A centralidade da pesquisa é a problemática do papel feminino nos ternos e nas festas de congada, compreendendo o espaço que essas mulheres ocupam entre o grupo congadeiro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apesar dos avanços consideráveis nas últimas décadas, as produções científicas acadêmicas sobre as relações de gênero são muito recentes. Além de ser um tema ainda em construção, a história das relações de gênero é um campo em constante disputa de narrativas. Historicamente, as distinções do gênero são uma tentativa de enfatizar as diferenças sexuais de macho e fêmea, cuja diferenciação se transforma historicamente na dominação masculina tanto em termos materiais e objetivos, quanto ao imaterial e subjetivo.

Considera-se importante uma breve distinção entre sexo e gênero. Compreende-se o sexo como designação dos fatores fisiológicos biológicos: as características sexuais reprodutivas referente às categorias de macho e fêmea. O gênero é aqui entendido como categoria que designa a diferenciação sociocultural, onde faz-se uma distinção entre homens e mulheres levando em consideração suas diferenças sexuais mas não somente. Tanto a dimensão biológica quanto a sociocultural produzem impressões socialmente construídas nos corpos e nas relações (CORREIA, 2021).

Além do esforço sociocultural construído historicamente na dominação feminina e de reduzi-la, perante o homem, em razão de seu sexo biológico (BEAUVOIR, 2009), é possível contemplar hoje formas imateriais e subjetivas de dominação e injustiça em razão do gênero.

Partindo da noção de *injustiça epistêmica*, termo cunhado pela filósofa inglesa Miranda Fricker, Ellen Cristina Rodrigues Correia (2021) referenciando a autora supracitada e sua obra *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing* (2007), distingue as duas possíveis formas de injustiça epistêmica, a saber: a *injustiça testemunhal* e a *injustiça hermenêutica*. Considerando de maior relevância tanto para o presente trabalho quanto para o processo de pesquisa do TCC, será

apresentada apenas a segunda forma de injustiça epistêmica: a injustiça hermenêutica, que, conforme Correia, traduz-se

na incapacidade do falante de comunicar sua experiência, uma vez que lhe faltam, no contexto histórico-social, os conceitos e elementos necessários para dar sentido à sua vivência. Este tipo de injustiça resulta em uma desvantagem cognitiva e uma marginalização (hermenêutica) dos grupos, que terminam por participar de forma desigual das práticas que constroem os significados sociais e entendimentos coletivos. (CORREIA, p. 6)

Nesse sentido, a injustiça hermenêutica seria causada devido a um limite ou ausência de vocabulário ou conceitos e até mesmo da ausência de cognição do falante ou de um grupo, dentro de um contexto sociocultural, que não lhes permite ter a condição de visualizarem essa “estrutura”, essa imagem, de hierarquias que se pautam nas diferenças de gênero. Ou seja, esse grupo ou indivíduo, a depender do seu recorte da realidade, não tem elementos para processar determinadas informações e atingirem a etapa de se reconhecerem em uma condição de desigualdade, injustiça e marginalidade.

Como consequência desse tipo de injustiça, tem-se o preconceito estrutural de identidade, a partir do qual Fricker define a injustiça hermenêutica como uma “injustiça de ter alguma área significativa de sua experiência social obscurecida do entendimento coletivo devido à marginalização hermenêutica”. (CORREIA, 2021 *apud* FRICKER, 2007).

3. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia de pesquisa será a história oral. As fontes históricas a serem utilizadas nessa pesquisa são os relatos orais das mulheres congadeiras de ambos os ternos. As entrevistas serão realizadas com um grupo de 9 mulheres, de modo presencial. Revisões literárias e pesquisa histórica em documentação, como registros da irmandade do Rosário junto à paróquia local e outros registros e atas do grupo, assim como fontes históricas iconográficas também compõem a documentação para dar lastro à pesquisa em voga.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Congadas são manifestações culturais que permanecem desde o contexto do afro-diaspórico ao pós-abolição, são expressões que refletem não só os laços de sociabilidade e afetividade negra e congadeira, mas também refletem as questões étnicas e de gênero das localidades nas quais estão inseridas. Ou seja, as dinâmicas e organização dos ternos estão intrinsecamente ligadas à tradição, à história e à cultura local de cada comunidade.

No entanto, após contextualizado o conceito de “injustiça epistêmica” e pensada sua aplicação no recorte ao qual o trabalho se propõe, assume-se que aqui que, pensar as desigualdades

de gênero à luz das formas de vida e de mentalidade de indivíduos que compõem um pequeno grupo que não é plenamente integrado da vida social, cuja vida material é precária e o nível de instrução é básico, pode ser incompatível pensar essas “estruturas” dentro do quadro mental dos indivíduos, de suas formas específicas de vida ou da realidade desta determinada cultura.

5. CONCLUSÃO

Em razão dos limites de linguagem, de vocabulário ou cognição, na produção de significados construídos coletivamente a partir de suas vivências, o entendimento coletivo do núcleo congadeiro pode terminar por produzir práticas desiguais por não traduzirem suas práticas por meio da perspectiva de desigualdade de gênero, que sabemos, embora seja um abordagem histórica e social bastante difundida nas últimas décadas, é uma construção recente que pode não representar - a depender dos contextos social e mentalidade de grupo - todas as formas de vida ou de toda e qualquer organização social.

Apesar e para além desta discussão, compreende-se que em razão de todas as questões acima apresentadas, pode ocorrer que estes mesmos sujeitos pertencentes a esse núcleo, cujo destaque são as mulheres congadeiras, esses sujeitos podem não se perceberem dentro dessa rede de desigualdade e injustiça perante os homens congadeiros, ou ainda sequer se perceberem também enquanto sujeitos epistêmicos dos saberes congadeiros ou enquanto guardiãs e transmissoras dos mesmos.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** / Simone de Beauvoir; trad. Sérgio Millet. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BRASILEIRO, Jeremias. **Congo, Congado, Congadas**: tradição cultural afro-brasileira de resistência ao racismo e discriminação e os tempos de diásporas e escravidão. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], v. 1, n. 36, 2020. DOI: 10.26512/emtempos.v1i36.30426. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/30426>. Acesso em: 22 jun. 2023.

COSTA, Aline Guerra da. **Pedagogias da Congada no contexto de produção das identidades, diferenças, territórios e saberes em Lambari – MG**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.

FRICKER, M. **Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing**. – New York: Oxford University Press Inc., 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40607592JSTOR>

RODRIGUES Correia, E. C. **Injustiça epistêmica e questões de gênero: O caso da injustiça hermenêutica na distinção entre homoafetividade e heterossexualidade**. 2021. **Revista Opinião Filosófica**, 12, 1–14. <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1028>